

LINGUAGEM EM FOCO

Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da UECE

V. 9, N. 1, ano 2017 - Volume Temático: *Novas Tecnologias e Ensino de Línguas*

O FAZER PESQUISA EM LINGUÍSTICA APLICADA: CONSIDERAÇÕES ACERCA DA LINGUAGEM, DO DISCURSO E DA PERFORMANCE NO CONTEXTO DE ENSINAGEM MÓVEL

*Vanessa Moreno Mota**

*Christine Nicolaides***

RESUMO

Este artigo visa discutir sobre o fazer pesquisa em Linguística Aplicada, tida como uma área que atravessa fronteiras disciplinares na contemporaneidade (SIGNORINI, 1998/2004; PENNYCOOK, 2006) e que considera os sujeitos como seres heterogêneos, fragmentados e fluidos (MOITA LOPES, 2006). Devido ao uso de tecnologias móveis no processo de ensinagem, que se considere os impactos da linguagem – não tida como essencialista e cristalizada – e cultura (KRAMSCH, 2014) na constituição dos sujeitos, assim como os contextos micro e macro (BLOMMAERT, 2005) nas performances discursivas dos aprendizes, enquanto eles co-constroem o conhecimento com o uso de diferentes recursos multissemióticos (ROJO, 2013) nas relações dialógicas (FARACO, 2009).

Palavras-chave: Pesquisa; Linguagem; Ensinagem Móvel.

ABSTRACT

This paper aims at discussing the research in Applied Linguistics, an area that crosses disciplinary boundaries in contemporary times (SIGNORINI, 1998/2004; PENNYCOOK, 2006) and considers subjects as heterogeneous, fragmented and fluid beings (MOITA LOPES, 2006). Due to the use of mobile technologies in the learning process, it is notable that we consider the impacts of language - not considered as essentialist and crystalized - and culture (KRAMSCH, 2014) in the constitution of the subjects, as well as the micro and macro contexts (BLOMMAERT, 2005) in the discursive performances of the apprentices, while they co-construct the knowledge with the use of different multisemiotic resources (ROJO, 2013) in the dialogic relations (FARACO, 2009).

Keywords: Research; Language; Learning; Mobile learning.

* Mestrado em Linguística Aplicada (PIPGLA/UFRJ) e professora de língua inglesa na Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro (SME/RJ).

** Professora pesquisadora do Programa Interdisciplinar de Pós-Graduação em Linguística Aplicada (PIPGLA/UFRJ).

INTRODUÇÃO

Este artigo visa discutir a pesquisa em Linguística Aplicada (doravante LA) na contemporaneidade, em especial, na *ensinagem*¹ móvel. Na primeira seção, apresentamos as principais características da área, cujos objetivos giram em torno da busca da criação de inteligibilidade sobre os usos da linguagem, em diferentes contextos sócio-históricos (MOITA LOPES, 2006; FABRÍCIO, 2006). Essa busca pela inteligibilidade acerca de usos de linguagem está em constante diálogo com outras áreas, ao atravessar fronteiras disciplinares (SIGNORINI, 1998/2004; PENNYCOOK, 2006). Em seguida, abordamos algumas teorias sobre a conceituação de linguagem e sua relação com o discurso e performance dos sujeitos pesquisados em LA. Trazemos à tona as noções de signo presentes na linguagem e ideologias que eles carregam (BAKHTIN, 2006; FARACO, 2009) e discutimos sobre os conceitos de discurso (d) e Discurso (D) (GEE, 1999/2010), importantes para entendermos a relação entre usos da linguagem em situações específicas e a conexão com situações extrassituacionais.

A linguagem, diferentemente de visões cristalizadas, é entendida como construção discursiva, social, ideológica e histórica em que consideramos as identidades dos sujeitos como performadas e produzidas em um determinado contexto sociocultural (BLOMMAERT, 2005; GEE, 1999/2010; HALL, 1992; PENNYCOOK, 2007). Assim, na Seção 2, abordamos a questão da linguagem e da relevância da cultura na constituição dos sujeitos (KRAMSCH, 2014).

Na Seção 3, apresentamos a *ensinagem* móvel e a relacionamos com o fazer pesquisa em LA, visto que devido aos avanços tecnológicos, faz-se mister repensar novos meios de pesquisar em contextos on-line e trazemos à baila algumas contribuições de teóricos acerca desse tema para a *ensinagem* na mobilidade (PARRY, 2011; KUKULSKA-HULME et alii, 2015, entre outros). Finalizamos o trabalho com a retomada dos conceitos abordados, associando-os com o fazer pesquisa em LA na mobilidade.

A LA: UM BREVE HISTÓRICO

Ao se fazer pesquisa em LA, como em qualquer área, é relevante compreender os caminhos metodológicos e epistemológicos percorridos ao longo das décadas. Compreender a origem e os debates acerca de contribuições/diálogos de outras áreas permite que se amplie o escopo definidor da pesquisa que se deseja realizar.

A LA, inicialmente, foi vista como uma área que buscava investigar práticas de ensino de línguas, ou seja, era considerada como “mais voltada para as questões de métodos e técnicas de ensino” (MENEZES et alii, 2009, p. 2), justificada pela intitulada “abordagem científica” ao ensino de línguas estrangeiras desde o seu surgimento, no primeiro curso independente de LA na Universidade de Michigan, em 1946. Este fato resultou em pesquisadores a considerarem como “aplicação da linguística”, porém, Menezes et alii (*op.cit.*) relatam que

1 As autoras adotam o termo *ensinagem*, ao invés de ensino e aprendizagem, por entenderem que os referidos processos não acontecem de forma paralela ou separadamente, mas que ambos estão imbricados não constituindo assim uma dicotomia, mas uma íntima relação no que concerne não só a sua concepção, mas também em termos de práxis pedagógica. (Cf. NICOLAIDES & SZUNDY, 2013)

A LA não nasceu como aplicação da linguística, mas como uma perspectiva indutiva, isto é, uma pesquisa advinda de observações de uso da linguagem no mundo real, em oposição à língua idealizada (MENEZES et alii, 2009, p.3).

A discussão sobre a abrangência da LA implicou na ampliação de seu escopo nos anos 80, confirmado pelas informações no site do periódico *Applied Linguistics*², ao considerar que a LA busca uma relação entre teoria e prática, além de estudar a linguagem em contextos específicos, de uso e *ensinagem*, conforme as seguintes áreas de pesquisa:

Bilinguismo e multilinguismo; comunicação mediada por computador; Análise de conversação; Linguística de corpus; Análise crítica do discurso; Linguística surda; Análise do discurso e pragmática; Aprendizado, ensino e uso de novas línguas; Linguística forense; Avaliação linguística; Planejamento e políticas linguísticas; Língua para fins específicos; Lexicografia; Letramentos; Comunicação multimodal; Retórica e estilística; e tradução.

Conforme exposto no periódico *Applied Linguistics*, podemos perceber que há conexões entre diferentes campos, não apenas os voltados para o ensino de línguas. Segundo Menezes et alii (*op. cit.*), “o periódico deixa de listar temas específicos para concentrar-se em problemas de linguagem no mundo real, com incentivo à multidisciplinaridade nos vários campos da LA” (p.6). A LA ainda avança, como uma (in)disciplina, com a pesquisa voltada para a vida social, cultural e política, que considera os sujeitos como seres heterogêneos, fragmentados e fluidos (MOITA LOPES, 2006, p. 31).

O autor não defende que se busque solucionar problemas da vida social, ao contrário, fazer pesquisa em LA é tida como um modo de construí-la ao tentar entendê-la e, desta forma, enfrentamos um desafio na contemporaneidade sobre “como podemos criar inteligibilidades sobre a vida contemporânea ao produzir conhecimento e, ao mesmo tempo, colaborar para que se abram alternativas sociais com base nas e com as vozes dos que estão à margem” (MOITA LOPES, 2006, p.86).

Com o passar dos anos, novas formas de fazer pesquisa surgem/se alteram e a LA não está imune a isso. A LA como solucionadora de problemas foi abandonada e agora não há limitações de áreas que possam contribuir para os estudos em LA, isto é, fazer pesquisa em LA é estar ciente da possibilidade de atravessar fronteiras disciplinares e questionar conceitos convencionais de produzir conhecimento. Segundo Pennycook (2006), “as disciplinas não são estáticas, domínios demarcados de conhecimento aos quais pedimos emprestados construtos teóricos, mas são elas mesmos domínios dinâmicos de conhecimento” (PENNYCOOK, 2006, p.72).

Na mesma linha de pensamento, Szundy e Nicolaides (2013), ao situarem a questão da *ensinagem*³ de línguas no escopo da LA afirmam:

2 Disponível em: <<https://academic.oup.com/applij/pages/About>>. Acessado em 18 de fev. 2017.

3 As autoras adotam o termo *ensinagem*, ao invés de ensino e aprendizagem, por entenderem que os referidos processos não acontecem de forma paralela ou separadamente, mas que ambos estão imbricados não constituindo assim uma dicotomia, mas uma íntima relação no que concerne não só a sua concepção, mas também em termos de práxis pedagógica.

Partimos do pressuposto que a LA não tem como objeto a aplicação de teoria que partem de outras áreas como a própria linguística, a educação, a psicologia, a sociologia ou a antropologia, **constituindo uma área autônoma que estabelece diálogos transdisciplinares com essas e outras áreas em processos de compreensão e transformação de contextos situados de uso de linguagem**⁴. Esses contextos, por sua vez, podem incluir tanto contextos de ensinagem, como, por exemplo, a sala de aula, a formação inicial ou continuada do professor, quanto as inúmeras situações em que a linguagem é utilizada e transformada em processos de interações sociais.

Ainda Fabricio (2006), nos lembra que a LA possui um regime de “não verdade” na sua prática problematizadora ao entender que o conhecimento do mundo e as “verdades” sobre ele são construídas dentro dele, fabricadas pela sociedade que nele se apoia. A autora defende uma LA “transfronteira”, que envolve outras áreas e “diferentes modos de produção de conhecimento” (FABRICIO, 2006, p.52).

Com o avanço das tecnologias, novos espaços on-line se mostram frutíferos para a pesquisa em LA e, devido a isso, são inegáveis as contribuições de diferentes áreas do conhecimento para o linguista aplicado, que passa a se confrontar com novos meios de construir o conhecimento e de investigar os usos da linguagem. Desta forma, novas questões são levantadas sobre o fazer pesquisa on-line, em especial na *ensinagem móvel* (Cf. Seção 3).

Tendo percorrido sobre algumas das principais visões de LA, reforçamos aqui o compromisso político da área no que diz respeito à sua negação de verdades únicas e absolutas, por meio do rompimento de barreiras disciplinares que visam entender o objeto de estudo a ter a possibilidade de chegar a novas teorias e produção de conhecimento. Na próxima seção, apresentamos e relacionamos os conceitos de linguagem, discurso e performance no fazer pesquisa em LA, em especial em contexto on-line.

LINGUAGEM, DISCURSO, PERFORMANCE

A LA busca criar inteligibilidade sobre as práticas da sociedade, ao dialogar com diversas áreas, sendo chamada também por alguns pesquisadores da área de LA Indisciplinar (MOITA LOPES, 2006), antidisciplinar (PENNYCOOK, 2006) ou de *desensinagem* (FABICIO, 2006). Moita Lopes (2009), nos esclarece que

como Ciência Social, conforme muitos formulam a LA agora, em um mundo em que a linguagem passou a ser um elemento crucial, tendo em vista a hiperssemiotização que experimentamos, é essencial pensar outras formas de conhecimento e outras questões de pesquisa que sejam responsivas às práticas sociais em que vivemos (p.19).

4 Nosso grifo.

Esclarecido o que entendemos por a LA, é importante indicar também, a concepção de linguagem defendida neste artigo e sua relação com as ideologias presentes e a performance de sujeitos. Inicialmente, é de grande valia destacar as contribuições de Bakhtin e do Círculo de Bakhtin⁵ para as discussões aqui levantadas.

Para Bakhtin (2006/1929), a linguagem só existe porque os signos existem e, portanto, é fundamental entender este conceito:

Os signos também são objetos naturais, específicos, e, como vimos, todo produto natural, tecnológico ou de consumo pode tornar-se signo e adquirir, assim, um sentido que ultrapasse suas próprias particularidades. Um signo não existe apenas como parte de uma realidade; ele também reflete e refrata uma outra. Ele pode distorcer essa realidade, ser-lhe fiel, ou apreendê-la de um ponto de vista específico, etc. Todo signo está sujeito aos critérios de avaliação ideológica (isto é: se é verdadeiro, falso, correto, justificado, bom, etc.) (p.30).

Desta forma, entendemos que os signos são carregados de ideologias. Bakhtin não explica o sentido em que usa o termo “ideologia”, entretanto, nos identificamos com algumas ideias suas, as quais aproximam essa noção com as representações que os diferentes grupos sociais constroem do mundo. Somado a isso, consideramos também que os signos não apenas representam o mundo, mas também o refratam, ou seja,

A refração é, portanto, o modo como se inscrevem nos signos a diversidade e as contradições das experiências históricas dos grupos sociais. Sendo essas experiências localizadas, múltiplas, e heterogêneas, os signos não podem ser unívocos (monossêmicos); só podem ser plurívocos (multissêmicos). A plurivocalidade (o caráter multissêmico) é a condição de funcionamento dos signos nas sociedades humanas. E isso não porque eles sejam intrinsecamente ambíguos, mas fundamentalmente porque eles significam deslizando entre múltiplos quadros semântico-axiológicos (e não com base numa semântica única e universal) (FARACO, 2013, p. 174).

Diante disso, compreendemos que a criação dos signos se dá através das interações sociais e que “sem signos não existe ideologia” (BAKHTIN, 2006/1929, p. 29). Ademais, para o autor e seu Círculo, não existe enunciado neutro; tudo que é ideológico possui um significado, isto é, um signo (FARACO, 2009). Entende-se, aqui, que a enunciação é determinada pela situação social mais imediata e meio social, além de os participantes determinarem “a forma e estilo ocasionais da enunciação” (BAKHTIN, 2006/1929, p. 116).

Paralelamente à noção de linguagem discutida anteriormente, está a de discurso que, dentro de uma das perspectivas da LA, está ligada a questão das identidades socialmente situadas. Trazemos os pensamentos de Gee (1999/2010), que aborda que um enunciado somente possui significado se e quando uma pessoa - que possui uma identidade socialmente situada - se comunica através de uma

5 Segundo Faraco (2009), o Círculo de Bakhtin era constituído de pessoas de interesses intelectuais distintos de diversas áreas, entre eles Voloshinov, Medvedev e Bakhtin, que discutiam sobre filósofos do passado e presente sobre questões ligadas à linguagem.

atividade – uma prática socialmente situada. Esta conceituação está em acordo com os pensamentos do Círculo, visto que o uso da linguagem não é feito num vácuo social.

Gee (1999/2010) ainda aborda as concepções de Discurso (D) e discurso (d) que nos auxiliam a entender a performance discursiva de sujeitos, ao fazermos pesquisa em LA. O primeiro conceito, Discurso (com letra maiúscula), remete à noção de reconhecimento, isto é, associações de modos de usar a linguagem, de pensar, de valorizar, agir e interagir como um membro de um determinado grupo ou “rede social”. Em contrapartida, o segundo conceito, discurso (com letra minúscula), remete às interações mais específicas ocorridas entre os sujeitos em situações mais específicas. Gee (*op.cit.*) aposta em uma simultaneidade entre esses termos, ao utilizarmos a linguagem em um contexto específico (d), ao mesmo tempo em que nos reportamos a ordens extrassituacionais (D). Oliveira (2014) nos esclarece que:

Isso implica afirmar que, ao nos engajarmos em uma atividade localmente situada (o que torna esse evento interacional único, singular), nossas ações discursivas se tornam reconhecíveis uma vez que repetimos performances que se consolidaram na história dessas práticas. Repetição essa que torna essas práticas em padrões de ações culturalmente estáveis (pp. 58-59).

Consoante a Gee (*op.cit.*), encontramos em Blommaert (2005) o debate sobre o discurso tanto no nível micro (texto), quanto no nível macro (texto como parte de uma tradição textual, resultado de um fenômeno social, cultural e histórico). Desta forma, entendemos que, as práticas discursivas de sujeitos compõem-se não apenas de elementos linguísticos construídos em determinadas situações, mas também, de influências sócio-históricas e ideológicas.

Considerando-se que somos socialmente organizados, entendemos que é através de nossas práticas em contextos dialógicos que pesquisamos a relação que temos com o Outro. É relevante esclarecer que, para Bakhtin e seu Círculo, essas relações nem sempre resultam em consenso. O autor e seu Círculo discutem a noção de relações dialógicas como não só possibilidades de “entendimento”, de consonância entre os seres (conforme o uso corrente do termo), mas também como possibilidades de divergência, de desacordo. Este é um entendimento “multidirecional do funcionamento das relações dialógicas” (FARACO, 2009, p. 69).

Assim, ao se fazer pesquisa em LA em contexto on-line, deve-se ater aos diferentes recursos semióticos utilizados ao longo das interações e os significados construídos com esses usos. Dessa forma, a linguagem não é entendida, neste artigo, como pré-existente às práticas discursivas dos sujeitos. Aproximamo-nos de Pennycook (2007), ao considerar a linguagem como construção discursiva, social, ideológica e histórica e as identidades dos sujeitos sócio-históricos como não sendo fixas, isto é, elas são performadas e produzidas em um determinado contexto sociocultural, pois, segundo Gee (1999/2010), “linguagem-em-uso significa dizer, fazer e ser” (p. 16).

Hall (1992) já abordava a questão das identidades dos sujeitos como não sendo fixas e estáveis, mas muitas vezes contraditórias ou não-resolvidas, resultado das constantes mudanças vividas pela nossa sociedade, que geram formas altamente reflexivas de vida e – por que não – de se fazer pesquisa em LA?

Ao compreender a linguagem como ação e performance e não apenas como estrutura e sistema, entendemos que fazer pesquisa em LA em contexto de ensinagem móvel (Cf. Seção 3) envolve novos métodos de se criar inteligibilidade sobre as práticas dos sujeitos em diferentes espaços socioculturais. Como abordaremos o fazer pesquisa em LA em contexto de ensinagem móvel, iremos nos ater às duas categorias apresentadas por Kramsch (2014), ao analisar métodos de pesquisa em LA de diferentes linhas: “Como a cultura é co-construída por participantes nas interações de fala?” e “Como a pesquisa em linguagem e cultura é afetada pelos usos de tecnologias?”.

A primeira pergunta, “Como a cultura é co-construída pelos participantes nas interações de fala?”, a princípio, não estaria diretamente relacionada a uma pesquisa voltada para o contexto de *ensinagem* móvel, uma vez que não há interações face-a-face dos participantes, porém, é possível dialogar com os pressupostos de Kramsch (*op.cit.*), especialmente por concordar com a autora que a cultura não é fixa, nem uma realidade institucional estável, mas sim “um processo de uso da linguagem que é integrado com outros recursos semióticos” (KRAMSCH, 2014, p.42). Estes recursos podem ser a música, a dança, as roupas, os gestos, entre outros. Com relação às tecnologias, encontramos alguns recursos semióticos que precisam ser mais investigados em contextos on-line, tais como, a música, o clipe, os Emojis⁶, as imagens, entre outros.

Isso nos leva para a outra questão pertinente levantada pela autora que dialoga com pesquisas na mobilidade: “Como a linguagem e a cultura são afetadas pelas tecnologias?”. Com o rápido fluxo de informações por conta do avanço tecnológico, nos perguntamos sobre o papel da LA na investigação sobre o uso de tecnologias, com olhar especial para a *ensinagem* de línguas. Segundo a autora, a cultura virtual vai ao encontro dos objetivos comunicativos da educação que são, por exemplo, uma *ensinagem* colaborativa, a autonomia de aprendizes, entre outros. Kramsch (*op.cit.*) defende que, ao se pesquisar em contexto on-line, ao se fazer análise dos textos nesses casos, não se deve desconsiderar suas complexas relações de tempo, espaço e realidade. Assim,

A relação da língua e da cultura na Linguística Aplicada é inseparável das questões relacionadas com o uso de tecnologias da linguagem. A cultura impressa do livro, a cultura virtual da Internet, a cultura on-line dos e-mails eletrônicos, todos têm suas próprias maneiras de redesenhar os limites do que pode ser dito, escrito e feito dentro de uma determinada comunidade discursiva. Elas estão inextricavelmente ligadas a questões de poder e controle (KRAMSCH, 2014, p.47).

Desta forma, por considerarmos de extrema relevância a sociabilidade na constituição dos sujeitos através da performance, refletimos sobre os usos da linguagem e noção de que identidades são formadas na performance linguística ao invés de pré-existentes. Conforme Pennycook (2007), isso mostra um modo de pensar sobre os efeitos da linguagem não apenas em termos de visão de mundo, ideologia ou discurso, mas também em termos de o que a linguagem faz e quais os efeitos que ela traz (PENNYCOOK, 2007, p.76).

⁶ Emojis são ideogramas e “smileys”, de origem japonesa, que representam expressões faciais, objetos, animais, entre outros.

A ENSINAGEM MÓVEL

Com o surgimento das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (doravante TDICs), nos deparamos com muito mais do que semioses e, com isso, passou-se a refletir cada vez mais sobre a multissemiose⁷ presente nas práticas discursivas na nossa sociedade, composta por diversas culturas (ROJO & MOURA, 2012). Ao se fazer pesquisa em LA, um campo que se apresenta em uma reflexão contínua sobre si mesma (MOITA LOPES, 2006), busca-se criar inteligibilidade sobre os diferentes usos da linguagem, conforme discutido na seção 2.

Devido aos avanços na tecnologia de computadores, ao desenvolvimento de comunicações sem fio (incluindo *wi-fi*⁸, *Bluetooth*⁹, GPS¹⁰, 3G¹¹, 4G¹², entre outros), além do aumento do uso de aparelhos móveis, tais como *tablets* e *smartphones*, podemos nos perguntar de quantas maneiras possíveis podemos adotar as tecnologias móveis na *ensinagem* de línguas. Com a melhora na potência dos aparelhos e o barateamento destes, os dispositivos móveis nos permeiam diariamente e vêm sendo destaque em pesquisas inovadoras que abordam a *ensinagem* móvel (SCHULER et alii, 2014, p. 9).

Cabe destacar que a *ensinagem* móvel é definida como uma *ensinagem* via aparelhos sem fio, o que nos mostra a noção de que ela acontece em qualquer lugar, por exemplo, quando

alunos estudam para as provas no ônibus a caminho da escola, os médicos atualizam seus conhecimentos durante as rondas hospitalares, estudantes de línguas melhoram suas competências linguísticas enquanto viajam internacionalmente. Todas essas instâncias de *ensinagem* têm surgido enquanto as pessoas estão em movimento. Por conseguinte, deve ser expandida uma definição de *ensinagem* móvel para incluir: qualquer tipo de *ensinagem* que acontece quando o aluno não está em um lugar fixo, local predeterminado, ou *ensinagem* que acontece quando o aluno aproveita as oportunidades de *ensinagem* oferecidas pelas tecnologias (O' MALLEY et alii, 2003, p. 6).

7 Rojo e Moura (2012) definem multissemiose como “textos compostos de muitas linguagens (ou modos, ou semioses) e que exigem capacidades e práticas de compreensão e produção de cada uma delas (multiletramentos) para fazer significar” (p.19).

8 Wi-Fi, do inglês Wireless Fidelity, é uma “tecnologia de comunicação que não faz uso de cabos e, geralmente, é transmitida através de frequências de rádio, infravermelhos etc.” Disponível em < <https://www.significados.com.br/wi-fi/>>. Acessado em 06 de set de 2017.

9 Segundo o site TecMundo, Bluetooth é o nome dado “à tecnologia de comunicação sem fio de que permite transmissão de dados e arquivos de maneira rápida e segura através de aparelhos de telefone celular, notebooks, câmeras digitais, consoles de videogame digitais, impressoras, teclados, mouses e até fones de ouvido, entre outros equipamentos.” Disponível em < <https://www.tecmundo.com.br/bluetooth/161-o-que-e-bluetooth-.htm>>. Acessado em 06 de set de 2017.

10 GPS é a sigla para Global Positioning System (Sistema de Posicionamento Global, em tradução livre), que consiste em uma tecnologia para localização via satélite. Disponível em < <https://www.significados.com.br/gps/>>. Acessado em 06 de set de 2017.

11 Segundo o site TecMundo, 3G é uma tecnologia da terceira geração da telefonia móvel. Disponível em < <https://www.tecmundo.com.br/celular/226-o-que-e-3g-.htm>>. Acessado em 06 de set de 2017.

12 A internet 4G é a sucessora da internet 3G e traz avanços na velocidade de conexão e no carregamento de dados. Disponível em < <http://www.techtudo.com.br/dicas-e-tutoriais/noticia/2012/01/o-que-e-internet-4g.html>>. Acessado em 06 de set de 2017.

Nesse mesmo sentido, Mills (2016) nos lembra que a obra McLuhan e Powers' (1989) *The Global Village* já nos alerta como as práticas de letramento de gerações mais novas, devido ao acesso a novas tecnologias, são muito diferentes, se comparadas com gerações passadas. Mills argumenta que, hoje, muitas crianças e bebês têm contato com aparelhos móveis de tecnologia *touchscreen*, como *Ipads*, antes mesmo de desenvolverem a habilidade de segurar um lápis de forma adequada para desenhar ou escrever. Ao mesmo tempo, essas crianças frequentemente também possuem acesso a recursos não digitais, como papel e giz de colorir, por exemplo. Esse acesso tanto a recursos digitais, como a não digitais, as leva a desenvolver a habilidade de também mudar suas práticas de letramento com facilidade, conforme os recursos disponíveis. Por outro lado, dentre essas práticas de letramento estão os repertórios discursivos adquiridos por esses jovens que, segundo Mills (2016, p. 2), “estão frequentemente ligados a corporações comerciais globais, em que as crianças ativamente constroem e reconstróem seu senso de *self* e identidade” (HUGS & MACNAUGHTON, 2001). Assim, ao mesmo tempo que o panorama da *ensinagem* muda drasticamente com a inserção de tecnologia móvel no cotidiano, urge que se reflita sobre os aspectos positivos e negativos dela advinda.

O interesse em se explorar a *ensinagem* móvel, no entanto, não é recente, visto que desde o surgimento dos primeiros aparelhos portáteis, como os players de videocassete, a utilização e discussão sobre essas tecnologias já vinham sendo investigadas na *ensinagem* e continuam até hoje, agora com foco em TDICs mais modernas, por exemplo, os *iPods*, *notebooks*, *smartphones*, entre outros (GODWIN-JONES, 2011, p. 2). Isso se reflete diretamente no fazer pesquisa em LA, pois é necessário que se considerem questões específicas no contexto *on-line*, tais como o papel do pesquisador e sua influência nas práticas discursivas dos sujeitos pesquisados e os espaços investigados, que devido à hipermodernidade, as informações e conteúdos transbordam na web, resultando em “ações de curar, seguir, curtir, taguear e comentar” (ROJO & BARBOSA, 2015, p. 122) que ganham destaque e envolvem diferentes hipertextos e conexões.

De acordo com Parry (2011), a *ensinagem* móvel é capaz de alterar substancialmente o panorama de ensino com e através da tecnologia, visto que a mobilidade abre um leque de possibilidades pedagógicas e, com isso, é provável que possamos investigar algumas questões que envolvem a *ensinagem* móvel, tais como: a) a compreensão do acesso à informação, devido à velocidade com que é possível navegar na internet e trocar informações; b) a compreensão da hiperconectividade, ou seja, há a possibilidade da colaboração entre os pares e, como professores, devemos ensiná-los a usar as tecnologias efetivamente e c) a compreensão de um novo *Sense of Space*¹³, isto é, a compreensão de uso da mobilidade para criar e acessar informações de diferentes espaços, como por exemplo, utilizar a mobilidade como uma extensão da aula presencial. Desta forma, pesquisar a mobilidade em LA requer levar esses tópicos em consideração em busca de novos entendimentos no uso da linguagem.

A *ensinagem* móvel não só influencia o modo de fazer pesquisa em LA, como também influencia na prática de aprendizes no processo de *ensinagem* de línguas. Kukulska-Hulme et alii (2015) acreditam que a *ensinagem* móvel permite uma participação mais ativa dos aprendizes de línguas, ao estimular a tomada de responsabilidade pelos seus próprios processos de *ensinagem*, visto que, devido às tecnologias digitais móveis, há uma maior probabilidade de os aprendizes

13 Senso de Espaço, tradução livre.

criarem e compartilhem textos multimodais, comunicarem-se espontaneamente com pessoas em qualquer lugar do mundo, aprender o uso da linguagem fora da sala de aula, analisar as suas próprias produções de linguagem e necessidades de *ensinagem*, construir artefatos e compartilhar com os demais e identificar evidências de progresso através de diferentes esferas, devido à variedade de mídias disponíveis (p.7).

No documento *The future of mobile learning*¹⁴, vinculado a uma série¹⁵ de textos sobre a *ensinagem* móvel, Schuler et alii (2014) apostam em um mundo onde a tecnologia seja “mais acessível, de baixo custo e mais conectado do que atualmente” (SCHULER et alii, 2014, p. 7). Entretanto, os autores acreditam que a tecnologia por si só não será capaz de definir os benefícios para um grande número de pessoas, isto é, é preciso que se implementem modelos pedagógico e projetos de *ensinagem* móvel que considerem as vantagens e limitações das tecnologias móveis e a consciência dos impactos socioculturais. Assim,

A educação e a tecnologia podem e devem co-evoluir em formas de apoio mútuo. Enquanto as pessoas tendem a pensar que a educação está sempre atrasada em relação à tecnologia, há inúmeros casos em que a educação levou à inovação técnica (SCHULER et alii, 2014, p.7).

Já os resultados de pesquisas realizadas por Oakley et alii (2012), em escolas da Austrália que envolveram o uso de tecnologias móveis, indicam que estes aparelhos podem modificar um modelo pedagógico tradicional — focado no professor — para um modelo mais colaborativo, com foco nos aprendizes. Dessa forma, as tecnologias digitais têm o potencial não de apenas aprimorar, mas de transformar a pedagogia, ao mover para uma direção mais socioconstrutivista¹⁶ (p.29).

Por outro lado, como educadores, não podemos nos deixar levar pela ideia de que porque simplesmente os jovens alunos apresentam um gosto pelo uso de tecnologias digitais, signifique que eles aprendam a utilizá-las de forma a trazer-lhe benefícios econômicos ao longo de suas vidas. Mills (2016) chama a atenção para o fato de que os benefícios econômicos a partir de tecnologias digitais dependem de acesso ao fluxo de informação e que “o conhecimento tecnológico é um meio de ganho produtivo e vantagem competitiva” (MILLS, 2015, p. 3). Ou seja, se o usuário que não tiver habilidade em conseguir informações rápidas por meio da mídia digital a seu favor, esse poderá ficar debilitado do ponto de vista social, econômico e cultural, partindo-se do pressuposto que outros irão obter a informação de forma mais ligeira e, assim, em seu benefício. Esse fato, segundo o autor, claramente nos leva a repensar sobre a relevância das práticas de letramento, agora também por meio de tecnologias digitais.

14 O futuro da *ensinagem* móvel.

15 Os autores destas pesquisas presentes neste artigo examinaram algumas políticas e iniciativas voltadas para o *mobile learning* em diferentes partes do mundo.

16 Também conhecida como sociointeracionista, essa visão Vygotskyana representa “a interação dialética do homem com o seu meio sociocultural” (REGO, 2011, p. 41).

Com um número expressivo de usuários, enfrentamos um desafio ao adotar a *ensinagem móvel*, em especial o uso do *WhatsApp*¹⁷ na prática docente e discente. No relatório da UNESCO (SCHULER et alii, 2014) sobre *ensinagem móvel*, é abordada a necessidade de se investigar essas práticas com os devidos incentivos políticos e sociais. Não podemos mais negar os usos da tecnologia móvel pelos aprendizes e professores, uma vez que o acesso à mobilidade é um facilitador das interações sociais e uma rica fonte de novas descobertas para pesquisas na área de LA.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O breve histórico da LA apresentado na Seção 1 esclarece o seu percurso abrangendo diferentes áreas do conhecimento e considera essencial investigar a cultura e considerar os sujeitos como seres sócio-históricos. Isso reflete em pesquisas voltadas para a *ensinagem móvel*, visto que defendemos uma reflexão sobre os efeitos da performance e dos discursos dos sujeitos pesquisados em LA para uma melhor compreensão dos usos de tecnologias na *ensinagem móvel*.

Assim, não devemos nos apoiar em visões essencialistas e cristalizadas da linguagem, uma vez que as performances linguísticas de seres sócio-históricos estão ligadas às suas identidades e aos contextos nas quais estão inseridos e, por focarmos em contextos on-line, cria-se um desafio ainda maior sobre as novas possibilidades de se fazer pesquisa em LA, ao se considerar “as novas formas de produção, configuração e circulação de textos” (ROJO, 2013, p. 19), que envolvem diversas linguagens, mídias e tecnologias e nos faz repensar a teoria dos gêneros de discurso do Círculo de Bakhtin.

Uma vez que optamos por pesquisar em contextos de *ensinagem móvel*, devemos estar atentos aos usos da linguagem pelos participantes, especialmente, sobre os novos recursos multissemióticos proporcionados pelas tecnologias, bem como construir novos conhecimentos acerca desses usos e criar inteligibilidade sobre as performances discursivas e ideologias presentes nas interações dialógicas, como incentivar e explorar o uso de aplicativos de celular, tais como o WhatsApp, assunto abordado na dissertação de mestrado de Mota (2017), que visa relacionar as autonomias de aprendizes e professores neste contexto e problematizar a inter-relação entre elas. Ao investigarmos essas práticas na mobilidade, podemos perceber a influência das tecnologias no aumento da motivação e interações entre sujeitos, o que pode proporcionar um maior desenvolvimento na língua-alvo.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. [1929] **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. 13. Ed. São Paulo: Hucitec, 2009.
- BLOMMAERT, J. **Discourse**: a critical introduction. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

17 WhatsApp é um aplicativo de troca de mensagens de texto, chamadas de voz/vídeo e documentos em áudio/vídeo usado por mais de um bilhão de pessoas em mais de 280 países. Disponível em <https://www.whatsapp.com/?l=pt_br>, acessado em 06 de setembro de 2017.

CARDOSO, A. C. S. **Linguagem, discurso e ideologia**. Disponível em <<http://linguagensdialogos.com.br/2010.1/textos/09ens-AnaCarolina.pdf>>. Acesso em 24 fev. 2017.

FABRÍCIO, B. Linguística Aplicada como espaço de desensinagem: redescrições em curso. In: MOITA LOPES, L. P. **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006.

FARACO, C. A. **Linguagem e diálogo**: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

_____. A ideologia no/do Círculo de Bakhtin. In: PAULA, L.; STAFUZZA, G. (Orgs.) **Círculo de Bakhtin**: pensamento interacional. Campinas: Mercado de Letras, 2013. pp. 167-182.

GEE, P. (1999). **An Introduction to Discourse Analysis: Theory and Method**. London: Routledge, 2010.

GODWIN-JONES, R. **Emerging Technologies**: mobile apps for language learning. Disponível em <<http://lt.msu.edu/issues/june2011/emerging.pdf>>. Acesso em 03 de janeiro de 2017.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 1992.

KRAMSCH, C. Language and culture. **AILA Review** 27 (2014), 30-55.

KUKULSKA-HULME, A.; NORRIS, L.; DONOHUE, J. **Mobile pedagogy for English language teaching**: a guide for teachers. Disponível em <https://englishagenda.britishcouncil.org/sites/default/files/attachments/e485_mobile_pedagogy_for_elt_final_v2.pdf>. Acesso em 03 de jan. 2017.

MENEZES, V. L.; SILVA, M. M. S.; GOMES, I. F. A. Sessenta anos de Linguística Aplicada: de onde viemos e para onde vamos? In: PEREIRA, R. C.; ROCA, P. **Linguística Aplicada**: um caminho com diferentes acessos. São Paulo: Contexto, 2011. p. 25-50.

MILLS, K. **Literacy Theories for the Digital Age** – Social, Critical, Multimodal, Spatial, Material and Sensory Lenses. Great Britain: Multilingual Matters, 2016.

MOTA, V. M. **“What’s up with WhatsApp?”**: análise de interações em um grupo do aplicativo e a relação com a promoção da Autonomia na ensinagem de língua inglesa. Dissertação de mestrado, Programa Interdisciplinar de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2017.

MOITA LOPES, L. P. (Orgs.) **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

_____. Da aplicação de Linguística à Linguística Aplicada Indisciplinar. In: PEREIRA, R. C.; ROCA, P. (Orgs.) **Linguística Aplicada**: um caminho com diferentes acessos. São Paulo: Contexto, 2009.

NICOLAIDES, C.; SZUNDY, P. A “Ensinagem” de línguas no Brasil sob a perspectiva da linguística aplicada: um paralelo com a história da ALAB. In: GERHARDT, A. F. **Linguística aplicada e ensino: língua e literatura**. Campinas: Pontes, 2013. P. 15-46.

OAKLEY, G.; PEGRUM, M.; FAULKNER, R.; STRIEPE, M. **Exploring the Pedagogical Applications of Mobile Technologies for Teaching Literacy**. Disponível em <http://www.education.uwa.edu.au/__data/assets/pdf_file/0003/2195652/AISWA-Report-FINAL-Final-101012-2.pdf>. Acesso em 03 de jan. 2017.

O'MALLEY, C.; VAVOULA, G.; GLEW, J. P.; TAYLOR, J.; SHARPLES, M.; LEFRERE, P. **Guidelines for learning/teaching/tutoring in a mobile environment**. Disponível em <<https://hal.archives-ouvertes.fr/hal-00696244/document>>. Acessado em 03 de janeiro de 2017.

OLIVEIRA, R.S. **Performances discursivas de artríticos/as reumatóides nos domínios online: a redefinição das sociabilidades ditas doente**. Tese de doutorado. Programa Interdisciplinar de Linguística Aplicada. Universidade Federal do Rio de Janeiro. 2014.

PARRY, D. **Teaching Mobile Literacy**. Disponível em <<http://www.educause.edu/ero/article/mobile-perspectives-teaching-mobile-literacy>>. Acesso em 03 de jan. 2017.

PENNYCOOK, A. Uma linguística Aplicada transgressiva. In: MOITA LOPES, L. P. (Org.) **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006.

_____. **Global Englishes and transcultural flows**. London: Routledge, 2007

REGO, T. C. **Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação**. Petrópolis: Vozes, 2011.

ROCHA, A. A. N. **Ideologia e dialogismo: o que de Bakhtin cabe na aula?** Disponível em <http://www.letras.ufscar.br/linguasagem/edicao19/reflexoes/reflexoes_ensino_linguas_02.pdf>. Acesso em 24 fev. 2017.

ROJO, R. **Escol@ conectada: os multiletramentos e as TICs**. São Paulo: Parábola, 2013.

ROJO, R.; BARBOSA, J. P. **Hipermodernidade, multiletramentos e gêneros discursivos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

ROJO, R.; MOURA, E. (Orgs.) **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

SCHULER, C.; WINTERS, N; WEST, M. **O futuro da ensinagem móvel: implicações para planejadores e gestores de políticas**. Brasília: UNESCO, 2014.

SIGNORINI, I. Do residual ao múltiplo e ao complexo: o objeto a pesquisa em Linguística Aplicada. In: SIGNORINI, I.; CAVALCANTI, M.C. **Linguística Aplicada e Transdisciplinaridade**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1998/2004. p. 99-100.

